Foto/Joyce Roma





Foto/Jair Bertolucci – Divulgação

Acima, a primeira aparição do Júlio. Abaixo, Fernando Gomes com a turma do Bambalalão: Cláudio Chakmati, Memélia de Carvalho e o próprio Fernando (cabeludo) gravando "Um Banho De Aventura", especial de natal. Agora, manipulando o Garibaldo (à esquerda).



Foto/arquivo pessoal

O DONO DA FAZENDA

O ator e diretor Fernando Gomes fala da sua experiência de quase 30 anos como "bonequeiro", levando diversão e informações preciosas para o telespectador mirim; e faz algo que não é pouco: respeitar a inteligência da meninada

Por Gabriel Kwak

Ele é o pai do menino Júlio, das galinhas Lilica, Lola e Zazá, do cavalo Alípio, do vovô Alegria. Há 29 anos conciliando o entretenimento e a transmissão de conhecimentos para crianças, Fernando Gomes provou que nem só do reinado das louras vive a programação infantil na televisão. O ator, diretor e artista plástico já deu vida a centenas de bonecos, cujo perfil psicológico e plástica foram concebidos em sua mesa de trabalho, personagens que já alimentaram de programas infantis a atrações adultas, passando por festejadas campanhas publicitárias.

Referência na confecção, manipulação e animação de bonecos de muitos programas infantis da TV Cultura, como o *Bambalalão*, *Rá-Tim-Bum*, *X-Tudo*, *Castelo Rá-Tim-Bum*, *Ilha-Rá-Tim-Bum*, *Qual É, Bicho?*, Gomes também emprestou sua criatividade para atrações de Eliana e do falecido Gérson de Souza (*Agente G*, na Record) e coleciona troféus como o Prix Jeunesse Iberoamericano, do Chile. Com passagens também por Globo, SBT, Bandeirantes, entre outras emissoras, Fernando costumava brincar quando lhe encomendavam a formatação de um programa infantil dizendo: "Temos um programa para todas as idades e todos os preços".

Como diretor, respondeu pela guinada histórica do infantil *Cocoricó*, em 2001, que de mera cabeça de desenhos animados passou por uma inspirada reformulação, com o fôlego extra de novos personagens. Fernando Gomes está acabando de gravar a nova temporada do programa, que será transmitida pelo canal por assinatura TV Rá-Tim-Bum em outubro, com previsão de ser exibido na Cultura no final deste ano.

Também levou a sua assinatura, em 2007, o *remake* de um clássico dos anos 70: a série multinacional *Vila Sésamo*, desta vez numa proposta mais modesta, no entanto. Gomes "encarnou" o antológico pássaro gigante Garibaldo, que, na primeira versão, coproduzida pela TV Globo e pela Cultura, era vivido pelo ator Laerte Morrone. Só pelo peso da cabeça do boneco de Garibaldo – superior a 2 kg – pode-se imaginar o que a sua manipulação exige de tônus da mão direita de Fernando... Aliás, segundo ele, o Departamento Infantil da TV Cultura procurou oxigenar uma franquia, originária dos EUA como o *Vila Sésamo*, com temas brasileiros. "Qualquer programa pensado por mim e pela maioria dos profissionais da TV Cultura sempre tenta mostrar muito do nosso universo. Se isso vale para uma parceria EUA e Brasil, o que dirá para programas idealizados por aqui, com total independência...", assinala o ator, de 48 anos, mas aparentando no mínimo 10 a menos.

A grife do Cocoricó

Fernando Gomes – que ainda não passou pela experiência de ser pai – respeita a inteligência das crianças, ao alimentar os pequenos espectadores com conteúdo educativo de uma maneira agradável e atraente, por meio de bonecos cuja concepção prestigia mais o *acting* e a emoção do que a técnica e a mecânica. O resultado final disso era visto, por exemplo, quando o boneco X, do programa *X-Tudo*, transmitia à criançada receitas culinárias descomplicadas ou ensinava o telespectador a prevenir acidentes em casa, ou ainda, numa propaganda de uma famosa marca de leite fermentado, explicando como o lactobacillus casei Shirota atua no organismo pela voz do personagem Professor Lactobacilos. Um trabalho que se ampara no mais das vezes na supervisão de uma consultoria pedagógica.

Em cartaz no Teatro do Shopping Frei Caneca com a peça *Cocoricó em Uma Aventura no Teatro*, já comemorou mais de 100 apresentações e vai esticar até dezembro deste ano uma temporada inicialmente prevista para apenas três meses. Nessa versão teatral, os bonecos são maiores do que no formato televisivo, além de os atores-manipuladores aparecerem em cena, todos vestidos de preto e com máscara. Gomes sonha levar a fazendinha do espetáculo para os palcos cariocas. Minutos antes do último sinal que anuncia o início da apresentação da peça, já se podia notar no saguão do teatro a agitação das crianças, das mais diversas idades, acompanhadas de seus pais.

À procura de um patrocínio, Fernando também cultiva o sonho de adaptar o *Cocoricó* para o cinema. Já escreveu uma primeira sinopse de um longa-metragem em parceria com Bia Rosenberg. Na história, a turma da fazenda viaja para o Rio de Janeiro a fim de salvar o porquinho Astolfo, sequestrado por um cantor de churrascaria. Isso sem esquecer a antiga aspiração de emplacar um seriado de bonecos adulto. Como se fosse pouco, acaba de confeccionar 13 bonecos para um programa infantil da TV Verdes Mares, de Fortaleza (CE).

Seus personagens deram origem, com rentabilíssimo retorno, a uma linha de produtos do portifólio da marca

de licenciamentos da TV Cultura. Só que o criador não abre mão do zelo pelas suas criações, e não quer ver as personagens desfiguradas: se o boneco for lançado em formato tridimensional, tem de contar com o "aprovo" de Fernando. A grife Cocoricó comercializa DVDs, bonecos, jogos eletrônicos, coleções de livros, cadernos, água-de-colônia, fraldas descartáveis, mordedores, dominós, amarelinha e barracas.

No intervalo das montagens da peça, Fernando Gomes – com seu jeito de bom moço e de genro confiável – recebeu a reportagem de *Getulio* para explicar o charme do "Cocoricó" entre a criançada, entre seus pais, passar em revista os seus projetos, suas influências e fazer algumas reflexões sobre o vigor (ou a falta de) da atual programação infantil. A seguir, alguns momentos da conversa:

Como começou sua história com a TV Cultura?

Fernando Gomes Começou de maneira muito engraçada. Na década de 80 existia um programa na TV Cultura chamado *Bambalalão*. E eu já era adulto, não assistia ao programa. Por outro lado, ajudava muito minha mãe, que fazia serviço de *buffet*, preparando os doces e os salgados nas madrugadas. E aquela era uma época em que não existia televisão de madrugada: acabava o "Corujão", a emissora saía do ar. Quando apareceu o primeiro videocassete em casa, passei a gravar a programação da TV Cultura, e de madrugada, enquanto trabalhava enrolando brigadeiros, assistia à programação do dia. Aí eu comecei a gostar muito do *Bambalalão* e punha para gravar. Eu não me tocava o motivo por que gostava tanto daqueles bonecos e não gostava tanto dos bonecos de outros programas infantis. Afinal, eu não era mais criança. Depois descobri, com o passar dos anos: eu gostava daquele tipo de mistura de boneco e manipulação porque era muito parecido com a manipulação dos *Muppets*, do Jim Henson. Eu gostava muito do trabalho de um dos manipuladores do *Bambalalão*, que era o Chiquinho Brandão. Brincando, acabei criando um boneco e o apresentei à Memélia de Carvalho, que acabara de conhecer. Ela o adorou e pôs no programa. Aí todo o elenco começou a me ligar, encomendando bonecos, coisa que eu nem sabia fazer assim tão bem. Passei a conhecer todos os meus ídolos. Um deles, no caso, a Helen Helene, teve de sair de licença por uma semana e me indicou para fazer o programa. Fiz uma semana, achando que tinha acabado e na segunda-feira seguinte me ligaram de novo perguntando: "Onde você está?" Assim, entrei e estou até hoje na TV Cultura.

Qual foi o primeiro boneco criado por você?

Fernando Gomes Ele não foi nem manipulado por mim, foi manipulado pela Memélia, e se chamava Boninho. Era até uma piada em cima do Boni, superintendente da Rede Globo, porque o Chiquinho Brandão tinha um boneco, um leão cafajeste, nada infantil, que ficava "xavecando" uma das atrizes do programa, a Silvana Teixeira. E esse boneco brincava com ela: "O Boninho ficou me ligando ontem..."

Quanto um adulto vê um boneco que parece um ser vivo, volta a ser criança, no sentido de daqui a pouco começar a conversar com um pedaço de espuma

Qual é o segredo da manipulação de bonecos?

Fernando Gomes Vamos cair num lugar-comum: o maior segredo é fazer por amor e nunca estar satisfeito com o que faz. Eu demorei muito a descobrir que o boneco do *Bambalalão* não ficava só se sacudindo enquanto você estava passando o texto. Ele parava junto quando a boca parava de falar, olhava para baixo, olhava para o lado. Às vezes era uma luva na mão do manipulador e eu conseguia acreditar que aquilo ali tinha vida.

Como foi a concepção do "Cocoricó"?

Fernando Gomes O "Cocó" é hoje, como a própria Cultura diz, o carro-chefe. Eu não participei da criação. O programa é antigo. Eu fui escalado pelo *Cocoricó* desde sua origem porque o Júlio foi escalado. O boneco foi criado para um especial de Natal e ficou guardadinho. Eu, dentro do programa, fui escalado para construir outros bonecos. Passei a dirigir o *Cocoricó* em 2003. Mudou um pouco a linguagem dos bonecos. Até então as galinhas não mexiam as asinhas. Teve alguma adequação dos personagens. Passei a gravar com uma única câmera, com uma luz muito mais especial, cenários muito mais legais no sentido de interação entre boneco e cenário, ou seja, a gente conseguiu transformar o "Cocó" num estilo de manipulação de bonecos muito semelhante à vida de um ser humano: os bonecos abrem porta, fecham porta, escrevem, desenham, pintam, jogam futebol, jogam basquete. Nós chegamos ao cúmulo de gravar um videoclipe onde o boneco e o manipulador estavam dentro da água. Quando chegou esse roteiro para a gente, a sugestão era colocar um aquário entre o boneco e a câmera, soltando bolhinhas, e fingir que estava dentro da água.

Nos anos 80, o Agildo Ribeiro fazia um programa humorístico de bonecos satirizando os políticos da época da redemocratização. Até hoje outros programas não infantis exploram essa linguagem. Como se explica a empatia do público adulto com bonecos?

Fernando Gomes Programa de boneco para criança é muito próximo do universo infantil. Uma criança, em casa, brinca com uma colher e uma faca e faz um casal, como se fossem dois bonecos. A gente cresce e não faz mais isso. Mas, quando um adulto vê um boneco que parece um ser vivo, de algum modo ele volta a ser criança, no sentido de daqui a pouco começar a conversar com um pedaço de espuma. É um regresso à época em que a gente brincava, animando objetos. Eu sinto isso no dia-a-dia mesmo. O que tem de pai, aqui no teatro, que vem falar com a gente, dizendo que é apaixonado pelo boneco... Eles mesmos afirmam: "Acho até que os pais gostam mais do que as crianças". Costumo dizer que um dos fatores pelos quais o *Cocoricó* tem tanto sucesso é porque ele é um programa familiar, os pais param para ver: tem piada ali que é para pai e que é para criança.

Há um cuidado da linguagem para transmitir determinados conteúdos, no sentido da formação das crianças?

Fernando Gomes Teve uma época na década de 90 em que o "politicamente correto" era obrigatório, ninguém é mau, todo mundo é bonzinho, o mundo é azul. Isso está mudando, graças a Deus: os problemas estão aí, as crianças irão conviver com eles, então, é melhor que a gente, de alguma maneira, tente prepará-las para isso. Produzimos um programa do *Cocoricó* em que o tema era a morte. Morria um personagem, tudo bem não era uma das galinhas, não era um dos principais, mas não inventamos um personagem que entrou e morreu. Era um personagem secundário, um cachorrinho, e ele morreu. "Mas é pesado falar isso para a criança..." Toda criança irá passar por isso. Se não forem seus pais, seus avós, ela irá perder um cachorrinho, um ente querido. A gente pega esses temas difíceis e tenta trabalhar no *Cocoricó*.

Produzimos um Cocoricó com o tema da morte. "Mas é pesado falar disso para criança..." Mas ela irá passar por isso um dia. Temos de trabalhar esses temas difíceis

O que mudou em relação à manipulação de bonecos, com a tecnologia, dos tempos do *Bambalalão*, do *Agente G*, para cá?

Fernando Gomes Há muito tempo me encomendam bonecos para as mais diversas atividades e, muitas vezes, eu passo por situações como esta: "Eu quero o boneco mais moderno. Eu não o quero de espuma, eu quero fon látex, radiocontrole, porque pisca o olho..." Acho muito legal que exista essa tecnologia. Fui criado pelos *Muppets*, do Jim Henson, que eram bonecos muito simples – o *[sapo]* Caco era um boneco de luva. Por outro lado, a mesma equipe fez, anos depois, no final da década de 80, a *Família Dinossauros*, que eram bonecos de fon látex, com radiocontrole, absolutamente lindos. O que eu prefiro? Não sei, talvez o Caco. Eu gosto muito do fator humano ali. Prefiro que todos os controles estejam na mão do manipulador. Quando o boneco é manuseado por radiocontrole, fatalmente vai ter mais de um manipulador agindo com as expressões e o rosto dele.

Como a voz interfere na criação do perfil psicológico das personagens?

Fernando Gomes A gente recebe um caminho do roteirista. Em cima disso eu vou tentar dar no rosto dele algumas das qualidades que ele precisa ter na personalidade. A gente só consegue descobrir a voz desse personagem depois que já existe o boneco.

A que se deve a escassez na televisão de programação infantil?

Fernando Gomes Ponho a culpa na política. Caberia ao governo impor alguns limites. Se você põe um programa feminino, ele rende mais do que um programa infantil. Não só pelos *breaks* comerciais, mas dentro de todos os programas femininos existem várias ações de merchandising, que não se pode e não se deve fazer no contexto de um programa infantil. Os anunciantes estão proibidos de veicular comercial dentro de programa infantil, porque você está induzindo criança a consumir. Se o cara tem a sua fábrica de brinquedos, ele pode patrocinar a programação infantil, mas não pode vender seus produtos durante a mesma. Aí ele fala: "Então não quero". Tem que estipular horário, se não o cara põe às cinco da manhã. O produtor põe desenho animado, exibe e diz: "Estou fazendo programa infantil." Não está fazendo coisa nenhuma. A TV Cultura não está concorrendo com ninguém. Ela está sozinha na faixa infantil. É falta de interesse político e empresarial.

O que a atual *Vila Sésamo* tem que a primeira não tinha?

Fernando Gomes O primeiro *Vila Sésamo* era muitíssimo mais caro, com participação de bonecos e humanos (Sônia Braga, Aracy Balabanian). Essa temporada do *Vila Sésamo* só tinha dois bonecos, o Garibaldo e a Bel, por medidas econômicas.

Como é a resposta ao "Cocoricó" no teatro?

Fernando Gomes Não podia ser melhor. Tem gente que já veio cinco, seis vezes.

Qual a sua opinião sobre a TV Colosso?

Fernando Gomes Eu gostava muito da linguagem. Não sei o que aconteceu, não sei se a própria TV Globo não apostou um pouco mais. Tenho certeza de que teria uma vida mais longa. Claro que a gente aborda temas muito diferentes, primeiro pela filosofia da TV Cultura e a dos canais abertos. A gente consegue mostrar com o *Cocoricó* que um programa que apresente algum tipo de conteúdo não precisa deixar de ser divertido. Se o *Cocoricó* fosse apenas um programa de conteúdo, só dando aula, liçãozinha de moral, ninguém aguentaria e ele já teria acabado.

E os "Teletubbies"?

Fernando Gomes Acho muito chato. É muito engraçado, o *Cocoricó* pegou de herança o público do "Teletubbies". Eu vejo uma diferença grande: os pais não suportavam Teletubbies. Só tinha a parte da criança, a coisa colorida, a coisa da repetição, achar que para criança você tem de falar tudo bem devagar...

Quais são as suas influências?

Fernando Gomes Eu fui enlouquecido pelo Asterix *[personagem das histórias em quadrinhos]*. Cada vez que lia, descobria coisas novas a cada quadrinho. Baseado nisso, a gente faz o *Cocoricó*: em vários momentos você encontrará numa cena uma gracinha, uma piadinha que não tinha nem que estar ali. Também fui influenciado pelas *Aventuras do Pequeno Nicolau*, também do Alex Goscinny. São livros, aí já não são quadrinhos. Eu adoraria fazer uma coprodução das *Aventuras do Pequeno Nicolau* no Brasil.